

**O deslizamento metonímico do significante
metafórico *Cidade da Bahia* no poema “Sobre os
males da Cidade da Bahia”, de Gregório de Matos
Guerra: denúncia sobre o aspecto moral
da cidade no século XVII**

*The metonymic slippage of the metaphorical signifier Cidade da
Bahia in the poem “Sobre os males da Cidade da Bahia”, by
Gregório de Matos Guerra: denunciation of the moral
Aspect of the city in the 17th century*

Robson Anselmo Tavares de Melo
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)
robsonportilit@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3789-4250>

Arthur Silva Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
arthuraraujoaraujo1@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9905-6850>

Bruno Simões Costa Guimarães
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)
brunoscguiaraes@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3913-2716>

RESUMO

Este artigo tem como proposta basilar analisar o deslizamento metonímico do significante “Cidade da Bahia”, no poema “Sobre os Males da Cidade da Bahia”, do poeta baiano Gregório de Matos, a partir dos estudos do polímata da língua(gem), o russo Roman Jakobson, sobre os polos metafórico (similaridade) e metonímico (contiguidade) dispostos no artigo *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*. Polos esses desenvolvidos, respectivamente, a partir das relações associativas e sintagmáticas, desenvolvidas pelo genebrino Ferdinand de Saussure. Considerado o poeta da linguística, Jakobson em *Linguística e poética* reivindica à ciência linguística o direito e o dever de

também analisar a poética (literatura). Nesse poema, mostra um pouco a corrupção social pela qual passava a capital baiana e da colônia no século XVII.

Palavras-chave: polos metafóricos e metonímicos; relações associativas e sintagmáticas; Cidade da Bahia; crítica ferrenha; Gregório de Matos.

ABSTRACT

The basic purpose of this article is to analyze the metonymic slippage of the signifier “Cidade da Bahia”, in the poem “Sobre os Males da Cidade da Bahia”, by the Bahian poet Gregório de Matos, based on the studies of the polymath of language, the Russian Roman Jakobson, on the metaphorical (similarity) and metonymic (contiguity) poles arranged in the article *Two aspects of language and two types of aphasia*. These poles were developed, respectively, from the associative and syntagmatic relations developed by the Genevan Ferdinand de Saussure. Considered the poet of linguistics, Jakobson's *Linguistics and Poetics* claims from linguistic science the right and duty to also scrutinize poetics (literature). In this poem, he shows a little of the social corruption that the capital of Bahia and the colony went through in the 17th century.

Keywords: metaphorical and metonymic poles; associative and syntagmatic relations; City of Bahia; fierce criticism; Gregório de Matos.

INTRODUÇÃO

“[...] O demo a viver se exponha/ Por mais que a fama a exalta/ Numa cidade, onde falta/Verdade, Honra, Vergonha [...]” (Matos, 2014, p. 12). Esses versos demonstram bem a força impactante da lira de um poeta que vivera em um período de forte turbulência em que criticar, abertamente, a coroa portuguesa poderia render-lhe entre outros castigos/punição a *pena capital* – execução em praça pública para servir de exemplo a todos(as) que ousassem criticar as estruturas dominantes.

Mesmo no anonimato, sua poesia ganhou as ruas, os becos e as ladeiras etc., chegando às várias camadas sociais, isto é, ricos e pobres, da hoje Salvador, todos(as) conheciam tanto seus versos audaciosos como também os líricos e os religiosos (as três vertentes principais de sua poética).

Isso demonstra tanto seu forte talento com a *palavra* a qual não se calava ante as injustiças e aos desmandos dos governantes como também o poder de alcance mesmo em um período de forte repressão. Pois, lembremos que se trata de um período em que não havia, em nosso país, a imprensa; os livros eram impressos em Portugal.

Gregório é considerado por muitos historiadores e críticos literários como o primeiro *pasquim* brasileiro, devido ao fato de tocar na ferida das relações coloniais, em especial as atrocidades ocorridas na *Cidade da Bahia* – na época também capital da colônia: “[...] E que justiça a resguarda...Bastarda/É grátis distribuída...Vendida [...]” (Matos, 2014, p. 15).

Sua lira maldizente lhe valeu, entre outras, a alcunha de “O boca do inferno”, pois não poupava ninguém: portugueses(as), brasileiros(as), religiosos(as), clérigos, homens livres, escravizados(as), políticos e plebeus, todos eram sujeitos à sua mordaz crítica. Um exemplo, a seguinte crítica ao clero: “[...] “E nos frades há mangueiras...Freiras/Em que ocupam os serões...Sermões/Não se ocupam em disputas...Putas” [...] (Matos, 2014, p. 15, grifo nosso).

A palavra grifada ratifica bem a “ousadia” poética de Gregório de Matos em seu período. Assim, no manejo com a *palavra*, Matos foi à frente do seu tempo. Ratificamos que nosso estudo tem como objetivo basilar discutir sobre a expressividade de Gregório de Matos no poema “Sobre os males da cidade da Bahia” através de uma abordagem linguístico-literária, baseada nos estudos metáforo-metonímicos propostos por Roman Jakobson (1896-1982).

Observaremos que o significante *Cidade da Bahia* (metafórico) desliza em outros significantes (metonímicos), construindo assim uma teia de significação em que a crítica se faz contundente em meio a um período no qual o Brasil era apenas uma colônia portuguesa nos trópicos, subjugada pelo pacto colonial. Gregório, nesse contexto, torna-se uma voz contra as opressões as quais tolhiam o que poderíamos chamar hoje de cidadania, reivindicando a possibilidade de gritar contra as injustiças orquestradas pela coroa portuguesa.

Ademais, salientamos que quando falamos sobre metáfora (similaridade) e metonímia (contiguidade) destacamos que são dois recursos linguísticos estudados pelo polímata da língua(gem), o russo Roman Jakobson (1896-1982), cujo nome está, intimamente, relacionado aos *Círculos Linguístico de Moscou* – também chamado pejorativamente de *Formalismo Russo* – (1915 a 1920) do qual foi um dos fundadores, ao de *Praga* (1926), ao de *Nova Iorque* (1943), como também manteve contato com o de *Copenhague* e com a *Sociedade Linguística dos Estados Unidos*.

As contribuições de Jakobson excedem aos limites dos estudos científicos da língua(gem), indo também para antropologia, poética, afasia, psicanálise, cinema, teoria da comunicação, tradução, arte da gramática, distúrbios de fala etc. Manteve amizade com poetas e intelectuais de várias áreas o que somado à sua sede de conhecimento lhe angariou um forte cabedal de conhecimento, destacamos aqui sua amizade com o intelectual antropólogo belga Claude Levi Strauss (1908-2009) cujas ideias sobre a antropologia estrutural influenciaram sobremaneira seus estudos. No campo poético, firmou amizade com nomes como o poeta e dramaturgo russo Vladimir Maiakóvski (1893-1930). Poeta esse considerado de “o poeta da revolução”.

Em relação aos polos metafóricos (similaridade) e metonímicos (contiguidade) são recursos desenvolvidos pelo linguista russo respectivamente a partir das relações associativas (*in absentia*) e sintagmáticas (*in praesentia*) estudadas pelo mestre genebrino Ferdinand de Saussure (1857-1913), catalogadas em sua obra *post mortem Curso de linguística geral* (CLG), 1916, por dois de seus discípulos – Charles Bally (1865-1947) e Alberto Schehaye (1870-1946) – sob a orientação de seu ex-aluno, Albert Reidlinger.

Vale salientar que o próprio conceito de *significante* elencado neste estudo advém das pesquisas do mestre genebrino expressas no *Curso* mais especificamente no capítulo dedicado sobre a *Natureza do signo linguístico*. Ainda, conforme Jakobson (1990), as metáforas e metonímias – não confundir com as homônimas dos *tropos de linguagem* – estão presentes em todo processo linguístico, poético (literatura) ou não.

Aliás, vale destacar que Jakobson é crítico quanto à dicotomia epistemológica no que concerne aos estudos da *poética* e da *ciência linguística*, pois em seu célebre artigo *Linguística e poética* declara uma não dicotomia entre tais realidades linguísticas, pois, de acordo com ele, tanto o versado na crítica literária quanto o linguista trabalham com o mesmo material, a língua(gem).

No tocante a Gregório de Matos Guerra, poeta versátil no manejo com a *palavra*, dedicou-se, como vimos, à lírica amorosa, à filosófica, à religiosa, à encomiástica e, em especial, à satírica. Também fez incursões sobre a *palavra* e a disposição espaço-visual, uma antecipação do que faria no século XX poesia concreta (1950).

Isso é observado no poema “Ao mesmo por suas altas prendas” em que joga com o léxico em uma relação semântica na disposição das palavras no papel. Em especial, seus versos cortantes ganharam notabilidade pública, eram poemas oralizados pela população.

Segundo Andrade (1987), a ABL (Academia Brasileira de Letras) no início do século XX – 1923 a 1933 – catalogou junto ao povo da Bahia textos que pela tradição são considerados de autoria do poeta.

Retornando ao poema “Sobre os males da Cidade da Bahia”, nele constatamos o habilidoso engenho de poeta no que concerne ao deslizamento metonímico do(a) significante/metáfora *Cidade da Bahia*, pois tal deslizamento pinta o retrato de uma Salvador/Bahia, mergulhada em problemas sociais de várias estâncias.

Por esse habilidoso trabalho com as palavras, o respectivo texto é inserto didaticamente na vertente cultista (gongórica) do Barroco seiscentista, sem deixar de lado o jogo do raciocínio, Conceptismo ou Quevedismo. Correntes essas de origem espanholas.

Historicamente falando no período em que o poeta vivera, havia, de acordo com Campos (2020), *pacto colonial* que foi um sistema de políticas comerciais implementadas pela metrópole portuguesa, durante o período colonial, que restringia o comércio das colônias ao monopólio da metrópole, forçando-as a negociar exclusivamente com Portugal e a importar somente seus produtos. Assim, de acordo com o autor (2020), o pacto surgiu em um contexto de expansão marítima europeia e ideais mercantilistas, procurando maximizar os lucros para Portugal, explorar os recursos naturais coloniais e manter seu controle político e econômico sobre as colônias.

E é justamente contra esse sistema que Gregório de Matos se insurge, ao usar sua lira como porta-voz de uma colônia fatigada pela exploração econômica: “[...] E seus donos asneirões/ ao desfazer da moeda/ perdem da mesma assentada/ Amigo, Primor, Tostões [...]” (Matos, 2014, p. 13).

Em síntese, a partir dos conceitos relativos aos respectivos polos, analisaremos o deslizamento do significante *Cidade da Bahia* noutros significantes construindo assim um todo significativo que apresenta um painel sobre os vícios morais da capital baiana da época em que vivera Gregório de Matos Guerra. Males esses provocados tanto pela exploração mercantil da coroa portuguesa quanto ao aspecto moral dos(as) cidadãos(ãs) da cidade baiana.

O POLÍMATA DA LÍNGUA(GEM) ROMAN JAKOBSON

Chamado de “O poeta da linguística” por Haroldo de Campos (1929-2003), Roman Jakobson nasceu na Rússia em 1896 e morreu nos Estados Unidos em 1982. Desde jovem, interessou-se pelos estudos da língua(gem) em seus vários campos, não se circunscrevendo apenas à vertente científica. Segundo ele (1988), a linguística poderia e deve atuar noutras áreas, a saber: a antropologia, fonologia, patologia da linguagem, teoria da informação, psicanálise, poética, cinema, estilística e folclore etc.

Assim, defendendo: “A linguística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução” (Jakobson, 1988, p. 34). De acordo com Blikstein (1990), Jakobson é um dos maiores pensadores do século XX e, também, pioneiro na análise estrutural da língua(gem), da poesia e da arte. Ademais, conforme o autor (1990), o germe do pensamento linguístico de Jakobson já pode ser rastreado principalmente por sua participação no *Círculo Linguístico de Moscou* – também chamado de *Formalismo Russo*.

Círculo esse que nascera no inverno de 1914-1915 em que alguns estudantes da Universidade de Moscou fundaram-no sob os auspícios da Academia de Ciências, era um grupo, sobretudo, de jovens intelectuais russos da década de 1910-1920 preocupados com o aspecto simbólico do *som* na *poesia*. Esses jovens intelectuais se voltaram, com especial, atenção para a *substancialidade* do *poema*, ou seja, para sua *arquitetura formal*, razão por que foram denominados pejorativamente de *formalistas*.

Entretanto, aceitaram a respectiva alcunha desafiadoramente. Esse grupo se constituiu, conforme discorre Blikstein (1990), como um marco definitivo no panorama histórico da ciência da literatura; fechando, dessa forma, caminhos da investigação extralinguística, a qual se perdia em última instância nos domínios de outras ciências como a história, a sociologia, a psicologia ou a filosofia, e reconduzindo o estudo do fato literário para dentro de seus domínios intrínsecos.

Schnaiderman (1970) ressalta que, embora os *formalistas* fossem muito jovens, desde o início já se patenteia a segurança com que eles abordam determinados problemas da arte e da literatura. O fato de colocarem a poética ao lado da linguística indica uma faixa de preocupações que seria dominante no movimento, particularmente, o estudo da

poética como fato importante da língua(gem), até então geralmente descurado pela linguística tradicional.

Ainda, consoante com o autor (1970), Jakobson escreveu um trecho famoso, que se tornaria quase um manifesto para o grupo: “A poesia é uma linguagem em sua função poética” (Jakobson *apud* Schnaiderman, 1970, p. 9). E prosseguia afirmando sobre o objetivo do grupo: “Deste modo o objeto do estudo literário não é a literatura, mas a literariedade, isto é, aquilo que torna determinada obra uma obra literária” (Jakobson *apud* Schnaiderman, 1970, p. 10). Vale salientar que, além de Jakobson, participaram do movimento os poetas: Maiakovski, Pasternak, Mandelstam e Assiéviev.

Salienta Blikstein (1990) que os *formalistas* erigiam o processo, ou seja, o princípio da organização da obra como produto estético, como fundamento do método. Dessa forma, adotaram posições combativas em relação às teorias críticas vigentes, e como recurso tático, muitas vezes, chegaram a afirmar a independência da obra literária em contraste com as demais formas de manifestação social, o que lhes valeu a acusação de tentarem alienar a obra da *história* que a produz.

Contudo, conforme o autor (1990), o *formalismo* dava acentuada importância ao estudo histórico da linguagem e de sua expressão literária, nunca desconsiderando a relação dialética entre sincronia e diacronia, o que desautoriza os detratores. Afirma Trunkle (2011) que, além do *Círculo linguístico de Moscou*, Jakobson participou também como fundador do *Círculo Linguístico de Praga*, enfatizando que esse Círculo estava fundamental e estreitamente ligado às correntes contemporâneas da linguística ocidental e da linguística russa.

Jakobson definiu sua teoria da estrutura da linguagem em contraste com a de Ferdinand de Saussure, explicitando que a considerava demasiadamente abstrata e estática. Assim, tratou as famosas dicotomias saussurianas (*langue/parole*, *sincronia/diacronia*) com uma dialética, insistindo na estreita relação entre *forma* e *significado*, em uma situação de sincronia dinâmica. Além dos círculos de *Moscou* e de *Praga*, também participou do *Círculo Linguístico de Nova Iorque*, da *Sociedade Linguística dos Estados Unidos* e do *Círculo Linguístico de Copenhague* no qual teve contato com Louis Hjelmelev (1899-1965).

Monteiro (2009) ressalta que, entre os interesses de Jakobson, estavam os problemas da *literatura*, do *cinema*, e das *lesões cerebrais*. Essas últimas resultavam

também em problemas linguísticos de aquisição de linguagem, e, também as afasias. Tão amplo é o escopo dos assuntos estudados por ele que constitui uma tarefa difícil sistematizar os temas de suas pesquisas em um quadro bem delimitado e definido. Jakobson é, segundo Monteiro (2009), um dos primeiros autores a tratar da questão do *sujeito da linguagem*.

Também se deve a Jakobson os avanços da *teoria fonológica*, com o refinamento da *noção de fonema*, cujas pesquisas foram iniciadas no *Círculo de Praga*. Essas pesquisas encontrariam um potencial para ampliação com os estudos da fonética acústica nos Estados Unidos. Nesse país, lecionou em Colúmbia, Havard e Instituto de tecnologia de Massachusetts, participando ativamente de suas atividades acadêmicas.

A contribuição de Roman Jakobson supera não apenas no sentido da abrangência de suas análises, como no fato de estabelecer uma interdependência permanente entre o próprio estudo da língua(gem) e a criação artística, sempre em busca do traço diferencial capaz de melhor definir a invenção pela *palavra* (Barbosa, 1990, p. 13). Lembra Blikstein (1990) que a maior parte da obra do linguista está dispersa por revistas especializadas de vários países e por volumes de elaboração coletiva. Suas obras foram/são publicadas em russo, alemão, português, francês etc.

Sobre a versatilidade epistemológica de Jakobson, Barbosa (1990, p. 13-14) discute através de uma *alegoria* que se pode dizer que um especialista é quase sempre uma *ilha*, pois seu campo de atuação restringe-se a um espaço peculiar e zelosamente definido e suas incursões a outras ilhas fazem-se esporadicamente, conforme a necessidade de fortalecer as suas posições.

Nesse sentido, de acordo com Barbosa (1990, p. 14), Jakobson não é um especialista, o seu espaço é antes um *continente* em que *ilhas diversas* são visitadas num movimento vertiginoso de viajante insaciável. Entretanto, adverte o autor (1990), é preciso dizer que este viajante não é jamais um turista apressado e superficial uma vez que suas viagens obedecem a certas preocupações bem definidas com que trilha caminhos desconhecidos e desbrava veredas antecipadas pelo estudo minucioso. Assim, pontua Barbosa (1990) que Jakobson afirma a difícil unidade na variedade que somente a determinação e a disciplina podem oferecer.

Relembramos que o objetivo basilar do respectivo texto é observar o *deslizamento metonímico* do significante *metafórico Cidade da Bahia* (metáfora) na tessitura de um

poema do poeta baiano Gregório de Matos Guerra (O Boca do Inferno). Acorando-se no artigo *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* no que tange aos polos metafóricos (similaridade) e metonímicos (contiguidade), especialmente na seção V deste.

Tais polos advindos, respectivamente, a partir das pesquisas de Ferdinand de Saussure dispostos nas Relações Associativas (*in absentia*) e Sintagmáticas (*in praesentia*) em relação ao significante. E por falarmos em *significante*, destacamos que ele é constituinte do *signo linguístico*, realidade essa que, segundo Saussure (2012), é formada pelo conceito (significado) e pela imagem acústica (significante).

Conceitos esses presentes no CLG principalmente no capítulo I – “Natureza do signo linguístico” – em que discorre que o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas conceito e uma imagem acústica (Saussure, 2012, p. 106). Logo, significante não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegarmos a chamá-la de “material”, é somente nesse sentido, e por oposição a outro termo da associação, o conceito, geralmente, é mais abstrato (Saussure, 2012, p. 106). Salientamos que Jakobson, como pontuamos, é um pensador que não se deteve a apenas uma vertente da língua(gem); mas, sim, um sequioso pelo conhecimento em perscrutar a relação do homem com a linguagem.

Como nossa pesquisa se relaciona, intimamente, com a poética (literatura), ancoramo-nos em sua assertiva exposta em *Linguística e poética*: “[...] compreendemos definitivamente que um linguista surdo à função poética da linguagem e um especialista de literatura indiferente aos problemas linguísticos e ignorantes dos métodos linguísticos são um e outro flagrantemente de anacronismos” (Jakobson, 1988, p. 162).

GREGÓRIO DE MATOS GUERRA: A PALAVRA-PASQUIM NA BAHIA NO SÉCULO XVII

Gregório de Matos Guerra nasceu na *Cidade da Bahia* (hoje Salvador), no século XVII, e morreu em Recife/PE, em 1686 aos cinquenta anos. Estudou com os padres jesuítas. Formou-se em Direito em Coimbra/Portugal. Didaticamente, insere-se no Barroco seiscentista. Movimento artístico-literário esse que, segundo Oliveira (1999), reflete a

instabilidade do mundo pós-renascentista, em que o homem, arremessado do auge das conquistas expansionistas ultramarinas, de avanços tecnológicos e científicos, tem de ajustar sua cosmovisão aos desígnios do tempo e das fatalidades da vida.

Fatalidade essa que leva o homem a dilemas contraditórios em que a busca por uma verdade absoluta torna-se ineficaz, pois forças antagônicas agem impulsionando cada vez mais a dúvida e a exasperação, a única coisa certa/perene é a própria instabilidade das coisas do mundo e da vida. Isso pode ser verificado nos versos: “[...] Mas no sol, e na Luz, falte firmeza/ Na formosura não se dê constância/ E na alegria sintase tristeza” (Matos, 2014, p. 134).

Em tais versos, o poeta baiano externa o dilema do homem de seu período, perdido em meio de um *movimento* em que a efemeridade/a fluidez das coisas é um dos pontos nevrálgicos mesmo assim interroga a existência em um duelo forjado por dúvidas em que o acreditamos ser *verdade* se esvaia. Bosi (1994) lembra que é um movimento marcado, entre tantos pontos, por um choque entre valores da Reforma Protestante e dos da Contrarreforma Católica.

Seffrin (2014) pontua que após Matos formado em Direito, sucederam-lhe nomeações para juiz de Fora de Alcácer do Sal, representante da Bahia nas cortes em 1668, juiz do cível em 1671, procurador da Cidade da Bahia em 1672, e novamente representante da Bahia nas Cortes em 1674.

Viúvo em 1678, no ano seguinte desembargador da Relação Eclesiástica da Bahia, 1681, Clérigo Tonsurado e em 1682 retornou ao Brasil nomeado desembargador da Relação Eclesiástica e tesoureiro-mor da Sé pelo arcebispo D. Gaspar Barata, foi em seguida destituído por seu sucessor e passou a levar vida boêmia e itinerante.

Casou-se em segundas núpcias com Maria dos Povos, mulher que segundo o próprio poeta era *honesto, formosa e pobre*. Predicativos que são declarados por ele no poema “Discreta e formosíssima Maria”: “[...] Discreta, e formosíssima Maria,/ Enquanto estamos vendo a qualquer hora/ Em tuas faces a rosada Aurora,/ Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia [...]” (Matos, 2010, p. 15).

Ainda de acordo com Seffrin (2014), tanto no Brasil quanto em Portugal, sua veia satírica confirmaram a alcunha de “O Boca do Inferno”. Atiçou a ira dos membros do clero e demais exploradores da colônia, o que resultou no seu exílio em Angola, África.

Quando retornou ao Brasil por recompensa por ter ajudado a dismantelar um levante contra a coroa portuguesa, foi proibido de regressar à Bahia e foi morar em Recife, onde, como vimos, faleceu. Sobre Recife dizia em tom jocoso: “[...] Por entre o Beberibe, e o Oceano/ Em uma área sáfia, e lagadiça/ Jaz o Recife povoação mestiça/ Que o Belga edificou ímpio e tirano [...]” (Matos, 2014, p. 208). E continua, criticando o povo recifense: “[...] O povo é pouco, e muito pouco urbano,/ Que vive à mercê de uma linguíça, / Unha-de-velha insípida enfermiça,/ E camarões de charco em todo ano [...]” (Matos, 2014, p. 208).

Oliveira (1999) discorre que o Barroco é a arte dos contrastes em que o artista tenta conciliar forças polares díspares. O resultado, então, seria uma arte hiperbólica e desigual, a qual expressa, por meio do rebuscamento formal, a angústia desse conflito. Conforme Andrade (1987), o homem do Barroco, em relação a essa dualidade, vive entre o sentimento de amar a Deus sobre todas as coisas e o desejo de aproveitar os prazeres da carne.

Esse conflito intensifica o sentimento de aproveitar a vida porque tudo, e inclusive ela própria, é efêmero. Oliveira (1999) ainda pontua que o Barroco pode ser enquadrado em dois estilos básicos: o *cultismo* e o *conceptismo*. Sendo o primeiro o estilo em que é inserido o respectivo poeta baiano. Caracterizam os estilos citados como:

a) **Cultismo ou Gongorismo** (nome empregado em função do poeta espanhol Luís de Gôngora): valorização da forma, abuso de metáforas e hipérboles, adjetivação, apelo sensorial, aproxima-se da descrição.

b) **Conceptismo ou Quevedismo** (nome empregado em função do escritor espanhol Francisco Gomez Quevedo y Villegas): valorização do conteúdo, jogo de conceitos, de ideias, argumentação com base antitética ou paradoxal, apelo ao racional, aproxima-se da dissertação.

Ressalta ainda Oliveira (1999) que é muito difícil um texto ser, exclusivamente, cultista ou conceptista; pois, em geral, ele mescla os dois conceitos em sua produção artística. Como já abordado, “O Boca do Inferno” também tinha essa difícil conceituação visto que mesmo didaticamente catalogado como poeta cultista (jogar com as palavras), ele também utilizou o raciocínio lógico em seus textos.

Segundo Seffrin (2014), poeta culto, mesmo nas águas do improvisado, Gregório de Matos alcançou a mais alta poesia de seu período, seja na utilização da paródia, da

paráfrase, da tradução livre, seja pela absorção, seja pela subversão das técnicas versificatórias vigentes.

Conseguiu expressar com plenitude o espírito ambivalente e contraditório do Barroco, alçado num mundo oscilante entre a fé e o pecado. Matos foi emblemático para sua época porque a maior parte dos poetas de seu período era, demasiadamente, cortês frente à língua solta, infinitamente distante da comportada literatura do século XVII.

Acrescenta Seffrin (2014) que o Barroco de matriz clássica ganhou com Gregório de Matos novos contornos, mais quentes nos temperos e açúcares tropicais. O autor cita que o crítico literário Araripe Júnior considera o poeta baiano como o “Petrarca Sertanejo” e que sua poesia é um “lirismo crioulo”. Seffrin pontua ainda que o caráter da poesia de Matos já faz ressoar o surgimento de uma língua brasileira, simples, espontânea, próxima da oralidade.

Oliveira (1999) destaca que, embora ele tenha feito uma vasta produção, sua obra só foi publicada/compilada cerca de 230 anos de sua morte, pela Academia Brasileira de Letras, entre 1923 e 1933. Nenhum autógrafo seu é conhecido, e a maior parte de sua poesia encontra-se reunida em quatro códices manuscritos, não por ele, mas por anônimos que o fizeram de memória. Sua produção em especial manifesta influência de Camões e do poeta espanhol Luís de Gôngora.

O autor (1999) destaca que Gregório de Matos se popularizou por sua poesia de veia satírica, mas também escreveu poesias líricas (em que se encontra o Amor platônico), eróticas, religiosas, filosóficas e encomiásticas (essa última com a finalidade de adular poderosos).

Esse ecletismo, conforme Seffrin (2014), de nuances tão distintas é caracterizado por uma crítica social, de quem não aceita o desconcerto do mundo, e também uma veia lírica de redenção espiritual para além dos desajustes individuais, tais dilemas é o que talvez molde a face mais conhecida do “Boca do Inferno” que faz duras críticas, mas logo após em outra vertente, coloca-se como pecador arrependido aos pés da cruz: “A vós correndo vou, braços sagrados,/ Nessa cruz sacrossanta descobertos/ Que, para receber-me, estais abertos,/ E, por não castigar-me, estais cravados [...]” (Matos, 2010, p. 316).

Sua língua não perdoava ninguém, sua “lira maldizente” satirizava brancos, pobres, religiosos e negros; enfim, toda sociedade baiana era alvo de suas críticas. Isso é observado, por exemplo, nos seguintes versos em que o poeta defende sua própria atitude:

O deslizamento metonímico do significante metafórico Cidade da Bahia no poema “Sobre os males da Cidade da Bahia”, de Gregório de Matos Guerra: denúncia sobre o aspecto moral da cidade no século XVII

“Eu sou aquele, que os passados anos/Cantei na minha lira maldizente/torpezas do Brasil, vícios e enganos” (Matos, 2014, p. 41).

Mas, é a Bahia, sua terra natal, um dos grandes alvos de sua ferina lira, como se observa em: “Senhora Dona Bahia/ nobre e opulenta cidade/madrasta dos naturais,/ e dos estrangeiros madre/ Dizei-me em que fundais o ditame de exaltar os que aqui vêm,/ e abater os que aqui nascem” (Matos, 2014, p. 58).

Como já citado, todas as estâncias da sociedade baiana foram alvos de sua língua mordaz, até a Igreja, em que ele mesmo tinha um cargo eclesiástico, a saber: “A nossa Sé da Bahia/ Com ser um mapa de festas,/ é um presépio de bestas,/ se não for estribaria:/ várias bestas cada dia/ vemos, que o sino congrega,/ caveira mula galega/ o Deão burrinha parda” (Matos, 2014, p. 44).

Numa sociedade conservadora, patriarcal, escravocrata, pautada em valores religiosos em que a fé católica ditava o modo de viver das pessoas, como era a sociedade do século XVII (Brasil colônia de Portugal), Gregório de Matos emerge como um *pasquim*, ou seja, aquele que tem como missão denunciar as torpezas de uma sociedade que se escondia sob a égide da moralidade.

Ele, também, emerge como a primeira grande expressão literária brasileira já que o orador Padre Antônio Vieira, também inserto no Barroco, é de nacionalidade portuguesa. Afirmava: “Eu sou aquele, que os passados anos/ Cantei na minha lira maldizente/ Torpezas do Brasil, vícios e enganos [...]” (Matos, 2010, p. 1999).

ROMAN JAKOBSON E OS POLOS METAFÓRICO E METONÍMICO

Como já antecipamos, no célebre artigo *Os dois aspectos da linguagem e os dois tipos de afasia* – texto dividido em cinco seções – Jakobson (1988) discorre, de forma primorosa, que o desenvolvimento de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes. Um tema (*topic*) que pode levar a outro quer por *similaridade* quer por *contiguidade*.

O mais acertado seria, segundo ele, falar sobre polo *metafórico* no primeiro caso, e de polo *metonímico* para o segundo; de vez que eles se encontram sua expressão mais condensada na *metáfora* e na *metonímia* respectivamente. Tais polos foram

desenvolvidos, como abordado, a partir das relações associativas (*in absentia*) e sintagmáticas (*in praesentia*), estudadas por Ferdinand de Saussure, dispostas no capítulo V, do *Curso de linguística geral* – (CLG).

Sobre as relações, Saussure (2012) expõe que essas coordenações são de espécies bem diferentes, as *associativas* repousam na *memória* e assim formam grupos bem diferentes onde operam as relações. Elas formam o “tesouro da língua”, que constitui a língua de cada indivíduo, o acervo linguístico de cada um. Já as *sintagmáticas* têm por base a extensão da sentença, e, repousam na extensão de dois ou mais termos presentes em uma série efetiva. Assim, ratificamos com base nos estudos de Saussure que a *metáfora* (similaridade) está para as relações *associativas* e a *metonímia* (*contiguidade*) para as *sintagmáticas*.

Para exemplificar os dois polos, Roman Jakobson (1988, p. 56) aborda que num teste psicológico, crianças foram colocadas diante de um nome e pediu-se que exprimissem as primeiras reações verbais que se lhes apresentassem no espírito. Duas predileções linguísticas opostas se apresentaram invariavelmente: a resposta foi dada ou como substituta ou como complemento.

A palavra exposta às crianças foi “choupana”, uma resposta foi “queimou”: outra, “uma pobre casinha”. As duas reações são predicativas, contudo a primeira cria um contexto puramente narrativo, ao passo que na segunda há uma dupla conexão com o sujeito “choupana”: de um lado, uma *contiguidade*, de outro, *similaridade*.

Manipulando esses dois tipos de conexão, *similaridade* e *contiguidade*, em seus dois aspectos (posicional e semântico), por seleção, combinação e hierarquização – um indivíduo revela seu *estilo pessoal*, seus gostos e preferências verbais. Ele (1988) observa que em um comportamento verbal normal, ambos os processos estão constantemente em ação, todavia uma observação atenta mostra que sob a influência dos modelos culturais, da personalidade e do estilo verbal, ora um, ora outro processo goza de preferência.

Jakobson (1988) afirma ainda que, na arte da linguagem, a interação desses dois elementos é, particularmente, marcante. Na poesia, segundo ele, diferentes razões podem determinar a escolha entre dois tropos. Afirma que a predominância alternativa de um ou outro processo, não é de modo algum exclusivo da arte verbal, pois a mesma oscilação aparece em outros sistemas de signo que não a linguagem.

Vale salientar que, no respectivo artigo, Jakobson parte dos estudos sobre a *metáfora* e a *metonímia* na fala de pessoas acometidas pelo distúrbio da afasia para reflexões sobre o desenvolvimento do discurso de forma geral, ou seja, científico e não científico, o que demonstra seu interesse por tudo que se refere à relação do homem com a língua(gem), um polímata na área. Sobre o acometimento na afasia, ele afirmava que “toda forma de discurso afásico consiste em alguma deterioração, mais ou menos grave, da capacidade de seleção e *substituição*, ou da faculdade de *combinação* e de contexto” (Jakobson, 1988, p. 55).

METÁFORAS E METONÍMIAS NO POEMA “SOBRE OS MALES DA CIDADE DA BAHIA”, DE GREGÓRIO DE MATOS: A PALAVRA E A SÁTIRA

Genial em mais de um aspecto, Gregório de Matos Guerra conseguiu espelhar como nenhum outro a complexidade do seu meio, os conflitos maiores e menores, e os dilemas, sobretudo os de ordem moral, disfarçados quase sempre sobre o pano de fundo social (Seffrin, 2014, p. 10).

Nesse contexto, sua poesia satírica se apresenta, visceralmente, ligada à realidade de seu tempo, fato esse que o faz figurar como a maior expressão do Barroco cultista brasileiro. Kothe (1997) afirma que a parte mais conhecida da obra do poeta é a originalidade criativa, pois, segundo ele (1997), Gregório critica situações, pessoas e costumes da sociedade baiana do século XVII, nobreza x burguesia, homem branco de origem nobre x mulato indigno de origem menor, mulher branca x mulher negra e mulata etc.

Enfim, ninguém escapava à sua lira que, muitas vezes, era impiedosa, ácida. Tal lira se revela, não raro, entre a linguagem popular e a erudita, revelando o quão versátil é esse poeta, que viveu entre intelectuais e a camada mais popular de uma Salvador do século XVII, limitada pelo então cruel *pacto colonial* com a metrópole.

Destacamos que o principal debate sobre a poesia satírica de Gregório diz respeito ao fato de essa poesia possuir ou não caráter revolucionário. Ou seja, o poeta estaria na defesa de interesses coletivos ou na defesa de seus próprios interesses? O poeta estaria assimilando a voz do brasileiro contra a metrópole ou apenas reafirmando normas e

hierarquias sociais (crítica retórica aos exageros)? Racista, filiado ao poder? Anticolonialista? São pontos que emergem e suscitam dúvidas e controvérsias sobre os pontos refletidos em seus versos. Um poeta que reflete bem a alma contraditória do seiscentismo Barroco.

Como já exposto, o poeta baiano nunca publicou nada. Sua obra foi compilada *post mortem* (século XX – 1923 a 1933) pela Academia Brasileira de Letras (ABL). Suas poesias de cunho satírico foram organizadas nos volumes IV e V, sendo os demais volumes dedicados à poesia lírica, à encomiástica e à filosófica. Grande parte de sua obra estava na boca do povo que declamava seus versos, mesmo não sabendo a autoria deles.

Entre as satíricas, destaca-se a intitulada “Sobre os Males da Cidade da Bahia”. Poema alvo de análise neste estudo; nele, Gregório de Matos “pinta” em breves versos o perfil moral de Salvador/Bahia no século em que ele vivera. Para expor esse perfil, “O Boca do Inferno” utiliza a *metáfora* e a *metonímia*, recursos que tentarão construir o cenário de Salvador, principalmente no que concerne ao deslizamento *metonímico* de tom jocoso e crítico.

Assim, registrando uma cidade em que a desordem e a falta de decoro estão presentes em várias estâncias sociais, isto é, tanto nas mais favorecidas quanto as não. Dessa forma, esse deslizamento é o responsável em demonstrar uma cidade que embora tão cara ao poeta, mas estava *afogada* em explorações econômicas e baixa moralidade dos seus governantes. Salvador, que fora a primeira capital do Brasil colônia – entre 1549 a 1763 –, se via em um contexto histórico atordoado.

Matos emprega, linguisticamente, esses recursos coadunados fomentando e construindo uma ironia, a qual foi sua marca mais latente, ou seja, aquela que dera, como vimos, um teor *sui generis* ao nosso seiscentismo. “Sobre os males da Cidade da Bahia” é um texto que foi recortado por nós do livro *Gregório de Matos: reunião de poemas*, de 2014.

Obra organizada por André Seffin, pois, como já de conhecimento, seus versos oralizados pela população baiana nos quais paira certa dúvida de autoria, entretanto a tradição popular imprime a Gregório sua autoria. Composto por nove estrofes, cada uma com sete versos ao estilo cultista (jogo de palavras), embora Matos não dispensasse o jogo de ideias (conceptismo).

Em cada estrofe, um setor da sociedade é criticado, a saber, na sua respectiva ordem textual: na 1ª (primeira), a cidade em sua totalidade; na 2ª (segunda), o comércio; 3ª (terceira), a população 4ª (quarta), militares; 5ª (quinta), comércio e a relação com a coroa portuguesa; 6ª (sexta), o clero; 7ª (sétima), religiosos/beatos e freiras 8ª (oitava), transação comercial e 9ª (nona), políticos/câmara.

Buscando, portanto, pintar um quadro de como era a sociedade em que vivera. Destacamos como ele não editara seus poemas, muitas vezes, encontramos certa fluidez no que concerne ao título de seus poemas, que variam de coletânea para coletânea. Em síntese, todo poema, *grosso modo*, seria uma *metáfora* (similaridade) sobre a conduta da hoje Salvador de seu tempo, e, para isso, as *metonímias* (contiguidades) reafirmariam a devassidão tanto individual quanto coletiva da sociedade apresentada pelo poeta. Leia-se o poema:

- (1) Que falta nesta cidade?... Verdade.
Que mais por sua desonra?... Honra.
Falta mais que se lhe ponha?... Vergonha.

O demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha.

- (2) Quem a pôs neste socrócio?... Negócio.
Quem causa tal perdição?... Ambição.
E no meio desta loucura?... Usura.

Notável desventura
De um povo néscio e sandeu,
Que não sabe que perdeu
Negócio, ambição, usura.

- (3) Quais são seus doces objetos?... Pretos.
Tem outros bens mais maciços?... Mestiços.
Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos.

Dou ao Demo os insensatos,
Dou ao Demo o povo asnal,
Que estima por cabedal,
Pretos, mestiços, mulatos.

- (4) Quem faz os círios mesquinhos?... Meirinhos.
Quem faz as farinhas tardas?... Guardas.

Quem as tem nos aposentos?... Sargentos.

Os círios lá vêm aos centos,
E a terra fica esfaimando,
Porque os vão atravessando
Meirinhos, guardas, sargentos.

(5) E que justiça a resguarda?... Bastarda.
É grátis distribuída?... Vendida.
Que tem, que a todos assusta?... Injusta.

Valha-nos Deus, o que custa
O que El-Rei nos dá de graça.
Que anda a Justiça na praça
Bastarda, vendida, injusta.

(6) Que vai pela clerezia?... Simonia.
E pelos membros da Igreja?... Inveja.
Cuidei que mais se lhe punha?... Unha

Sazonada caramunha,
Enfim, que na Santa Sé
O que mais se pratica é
Simonias, inveja e unha.

(7) E nos frades há manqueiras?... Freiras.
Em que ocupam os serões?... Sermões.
Não se ocupam em disputas?... Putas.

Com palavras dissolutas
Me concluo na verdade,
Que as lidas todas de um frade
São freiras, sermões e putas.

(8) O açúcar já acabou?... Baixou.
E o dinheiro se extinguiu?... Subiu.
Logo já convalesceu?... Morreu.

À Bahia aconteceu
O que a um doente acontece:
Cai na cama, e o mal cresce,
Baixou, subiu, morreu.

(9) A Câmara não acode?... Não pode.
Pois não tem todo o poder?... Não quer.
É que o Governo a convence?... Não vence.

Quem haverá que tal pense,

Que uma câmara tão nobre,
Por ver-se mísera e pobre,
Não pode, não quer, não vence.

Como já constado, nas 9 (nove) estrofes – cada qual possuindo um grupo de 4 versos (quadra) que atuam como *refrão* – que compõem o poema do poeta baiano, encontram-se críticas a vários setores da sociedade da *Cidade da Bahia* (Salvador), do século XVII.

Essas críticas foram construídas, através do habilidoso jogo de palavras o qual “O Boca do Inferno” com mestria dominava, especialmente devido à influência gongórica (cultista) que recebera. Gregório de Matos emprega, nesse texto, os recursos linguísticos da metáfora (*similaridade*) e da metonímia (*contiguidade*). As metonímias nele são responsáveis imediatas pelo clima de sátira e ironia na tessitura poética. Vale salientar que a exploração econômica da metrópole portuguesa para com a colônia brasileira é também vivenciada de forma contundente – *pacto colonial*.

Baseando-nos nos estudos de Roman Jakobson (1988); na respectiva poesia, esses dois processos/polos se instauram como essenciais e marcantes, pois se combinam formando um todo temático através do *emprego lexical* – deslizamento. Dessa forma, Gregório de Matos, ao empregar *palavras* que conotam a falsidade das relações sociais de uma sociedade, utiliza a *metáfora* e especialmente a *metonímia*.

Essas como forças discursivas as quais denunciam uma sociedade envolta pelo véu da dissimulação em que o poeta se torna propulsor da “voz” que aponta contra desordem e a hipocrisia imperante naquela sociedade. *Cidade da Bahia* é, como afirmamos, a grande *metáfora* (similaridade) que emerge no poema, seguida por *metonímias* (contiguidades), como: perdição, usura, ambição, bastarda, vendida, injusta etc.

Veremos, a seguir, o jogo de *similaridade* que desliza para *contiguidade* existente em cada estrofe do poema de Matos. Para cada uma delas, apontaremos as metonímias (contiguidades) compositoras:

Na primeira estrofe (1ª), a palavra “cidade”, metáfora de Cidade da Bahia/Salvador, encontra-se ironizada pela sua conduta moral através de léxicos *metonímicos* que conotam a falta de decoro, são eles: “verdade”, “honra” e “desonra” as quais às avessas representam a ausência dessas.

Na segunda (2ª), a metonímia “negócio”, a qual conota as transações comerciais de Salvador, é ironizada pelas também “*metonímias*”: “ambição” e “usura”. Nessa, surge a palavra “socrócio”, criada por Gregório de Matos, significaria: “roubalheira”, “rapinagem”. Palavras que fazem menção também à restrição acarretada pelo pacto colonial entre a colônia e a metrópole portuguesa. Isso acarretava um desfavorecimento econômico brasileiro.

Na terceira (3ª), o significante “população baiana” é ironizado pela sua passividade diante do domínio português através das *metonímias*: “insensatos”, e “gente asnal”. Nessa, o poeta totaliza os cidadãos de Salvador como: “pretos”, “mestiços” e “mulatos”, o seja, o poeta responsabiliza com essas contiguidades todo contingente populacional baiano.

Na quarta (4ª), novamente, a metáfora: “cidade da Bahia” é ironizada no tocante à fora militar (meirinhos, guardas e sargentos) pelas metonímias: “mesquinhos” e “tardais”. Na quinta (5ª), a veia ferina do “Boca do Inferno” aporta sobre a justiça da cidade. Metonímia essa de teor irônico: “bastarda”, “vendida” e “injusta”. Essas contiguidades (*metonímias*) direcionam para um poder judiciário, segundo o poeta, corrupto, vendido.

Na sexta (6ª), encontra-se uma crítica mordaz à conduta moral do clero de Salvador. A metonímia “clerezia” é deslocada, ironicamente, através de: “simonia” (compra e venda ilícitas de objetos sacros), “inveja” e “unha”. Essa última direciona a uma atitude de devassidão e corrupção clerical.

Dando continuidade à temática sobre a conduta moral do clero da Bahia, observada na estrofe anterior; na sétima (7ª), o poeta adiciona o não seguimento ao voto de castidade. Assim, à metonímia “clero” soma-se, ironicamente, às metonímias: “mangueiras”, “freiras” e “putas”.

Na oitava (8ª), novamente o fator econômico é ironizado pelo poeta. Todavia, dessa vez, é o contraste entre poder aquisitivo e preço. As metonímias: “baixou”, “subiu”, “extinguiu”, “convalesceu” e “morreu” fomentam ainda mais o teor de desolação econômica pela qual o país atravessava.

Na nona (9ª) e última estrofe, o poeta baiano emprega as metonímias (“não quer”, “não ver”, “não vence”) as quais corroboram com a metáfora, especificando a camada

jurídica. Tal seleção metonímica critica o poder legislativo da cidade que, segundo Gregório de Matos, apresenta-se como “néscia” e “corrupta”.

Lembra Bosi (1994) que, em toda sua poesia satírica, o achincalhe e a denúncia incorporam-se e movem-se na poesia de Gregório de Matos à força de jogos sonoros, de rimas burlescas, de uma sintaxe apertada e ardida, de um léxico incisivo, quando não retalhante/cortante; tudo o que dá ao seu estilo uma verve não igualada em toda a história da sátira brasileira posterior. Simplesmente, um Barroco de tom brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornando aos versos “[...] O demo a viver se exponha/ Por mais que a fama a exalta/ Numa cidade onde falta/ Verdade, honra e vergonha [...]” (Matos, 2014, p. 14). Tais versos são uma pequena amostra da poesia de caráter satírico de Gregório de Matos. Poeta que se notabilizou como uma das grandes vozes do Barroco Cultista (gongórico) brasileiro – século XVII. Matos, como vimos, deu singularidade ao Barroco em terras brasileiras as quais ainda não eram independentes da metrópole portuguesa, muitas vezes reproduzindo valores europeus.

Numa época em que a independência política ainda era algo distante, quase impensável em acontecer, sua poesia já dava indícios entre outros pontos de uma brasilidade, mesmo que seja, na inclusão de elementos próprios de sua terra, mas que, em um sentido macro, era o prenúncio de arte de caráter nacional: “[...] O certo é pátria, minha/ que foste terra de alarves/ e inda os ressábios vos duram/ desse tempo e dessa idade [...]” (Matos, 2010, p. 53-54).

Devido a essa vertente poética, recebeu, como vimos, a alcunha de “O Boca do Inferno”, por empregar em seus versos palavras cortantes/ácidas contra as várias estâncias sociais da Salvador de sua época. Mesmo não tendo publicado nada em vida, pois todo o conjunto de seus poemas foi organizado *post-mortem* pela Academia Brasileira de Letras (ABL) no início do século XX – entre 1923 e 1933.

Eram poemas que em geral ou eram oralizados pela população ou estavam em manuscritos sem assinaturas. Seus poemas ganharam popularidade entre seus patrícios, de sua época, principalmente os versos satíricos/ impiedosos. Ninguém escapava à sua

“lira maldizente”: clero (ele tinha até um cargo na igreja), negros, políticos, religiosas, escravos, portugueses etc.

Cultismo ou gongorismo, vertente barroca na qual o poeta é inserto didaticamente, tem como característica a valorização do jogo habilidoso com a *palavra*. Linguisticamente falando, emergem, no poema – “Sobre os males da Bahia” – analisado, *metonímias* (contiguidades) irônicas que demonstram o quão habilidoso fora esse poeta no emprego e no manejo da *palavra*, palavra essa que era censurada por aqueles que detinham o poder. Sendo ele considerado por muitos como *persona non grata* devido à sua lira maldizente que sem filtro a todos(as) criticava.

Vimos, em todo decorrer do texto, que os conceitos de *metáfora* (similaridade) e de *metonímia* (contiguidade) aqui empregados são oriundos das reflexões do linguista russo Roman Jakobson em seu artigo *Os dois aspectos da linguagem e os dois tipos de afasia*, principalmente, em sua seção V. Nesse célebre artigo, ele parte de suas análises sobre o discurso de pessoas acometidas pelo distúrbio da *afasia* no que concernem as relações *metafóricas* (similaridade) e *metonímicas* (contiguidade) para o desenvolvimento de discursos artísticos (poéticos) e não artísticos, mostrando assim a versatilidade de seus interesses tanto no meio artístico quanto no acadêmico-científico.

Assim, Jakobson no cenário dos estudos referentes à língua(gem) é considerado como um polímata na área. Tem seu nome marcado nos Círculos linguísticos de Moscou; de Praga; de Copenhague; de Nova Iorque (nesta teve contato íntimo com os estudos antropológicos de Lévi-Strauss); da Sociedade Linguística dos Estados Unidos. Nesse país, lecionou em Havard, Colúmbia e Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Também, manteve contato com artistas de várias áreas e poetas vanguardistas cubistas, futuristas e surrealistas.

Por esse ecletismo, recebeu do poeta concretista, professor, tradutor e linguista brasileiro Haroldo de Campos a alcunha de “O poeta da linguística”. Por toda essa atuação, seu nome é citado em universidades americanas, latino-americanas e europeias como também em círculos de estudo artísticos (mitologia, folclore, pintura, cinema etc.). Sua obra em grande parte está dispersa em vários ensaios e revistas científicas em vários países.

Pontuamos que, de acordo com Jakobson (1988), *metáfora* e *metonímia*, como vimos no desenrolar de nossa análise, como recursos essenciais na construção textual de

qualquer texto. Ele ressalta que um ou outro polo pode prevalecer, e, no tocante à *poesia* a depender do estilo pessoal ou geral, ou seja, do movimento artístico-literário a que o poeta pertença.

Eles (polos), consoante Jakobson (1988), se apresentam em todos os níveis verbais: morfológico, lexical, sintático e fraseológico. Tais níveis reforçam, como bem destacado por Jakobson no artigo *Linguista e poética*, a não legalidade da atitude de alguns especialistas em separar o que seria do campo da ciência linguística e o da poética (literatura), pois são realidades imbricadas entre si, sendo infrutífera tal separação.

Logo, o poema é uma realização da língua(gem) sendo aberto a especulações tanto da crítica literária quanto da ciência linguística: “[...] A Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da linguística” (Jakobson, 1988, p. 119).

Dessa forma, ao lermos o poema “Sobre os Males da Cidade da Bahia”, encontramos a engenhosidade do “Boca do Inferno” em construir uma sátira em que os dois recursos se alternam e compõem um verdadeiro “pasquim” literário de teor satírico no século XVII. Pois, para demonstrar a corrupção social que imperava em sua cidade natal, ele emprega *metonímias* corrosivas como “desonra”, “socrócio”, “clerezia”, “simonia”, “distribuída”, etc. Todas em consonância contra as atitudes sociais que divergem à moral social.

A grande *metáfora* *Cidade da Bahia* desliza em *metonímias* (contiguidade) que denunciam “promiscuidade”, “desonestidade”, “falta de decoro”, “incompetência política”, “passividade da população” emergem em especial nos versos do respectivo poema. Vale ressaltar que além do aspecto moral da população e de seus líderes políticos e religiosos, o poeta faz menção à questão econômica precária que vive a cidade acarretada pelo terrível *pacto colonial*, sistema de políticas comerciais que restringia o comércio das colônias portuguesas apenas à metrópole: “[...] Quem a pôs neste socrócio?... Negócio./ Quem causa tal perdição?... Ambição [...]” (Matos, 2014, 14).

Em síntese, a sátira tecida por Gregório de Matos Guerra no respectivo poema foi construída a partir do jogo lexical em que o aspecto moral, o político e o econômico são criticados com mestria pelo poeta através do deslizamento metonímico do significante metafórico. Tal jogo lexical ratifica sua alcunha “Boca do Inferno”, que com

singularidade alçou sua poesia como uma das mais significativas de todo acervo literário nacional.

A magnitude de sua obra dá-se, justamente, por essa habilidosa lira aqui “corrosiva” contra o sistema político-social. A inserção dos estudos de Roman Jakobson como aporte teórico neste artigo se justifica pelas reflexões de Jakobson ao observar a poética (literatura) como um evento linguístico e não uma realidade separada, dicotômica. Gregório de Matos é, didaticamente, inserto na vertente cultista (gongórica do Barroco), pois soube como poucos em sua época manejar com *significantes* que se coadunam em uma teia significativa. Tal teia nos convoca a refletir a partir dos polos estudados pelo polímata russo.

Assim, Jakobson a partir dos estudos do mestre genebrino – *relações associativas e sintagmáticas* – nos ensina que a poética é verdadeiramente um evento da língua(gem), não havendo razões para estudos de teor dicotômicos. As relações associativas (tidas como o *tesouro da língua* por Saussure [2012]) têm íntima relação com os polos metafóricos; já as sintagmáticas mantêm íntima relação com os polos sintagmáticos na extensão da sentença oracional.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Fernando Teixeira. *Literatura Brasileira I*. São Paulo: Editora CERED, 1987.
- BARBOSA, João Alexandre. “O Continente Roman Jakobson”. In: JAKOBSON, Roman. *Poética em Ação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990. p. XIII-XXIII.
- BLIKSTEIN, Isidoro. “Prefácio”. In: JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1990. p. 7-13.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 42. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- CAMPOS, Tiago Soares. Pacto Colonial. *Mundo Educação*. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/zFJ45>. Acesso em: 21 abr. 2024.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.
- KOTHE, Flávio René. *Gregório de Matos: o cânone colonial*. Brasília: Editora da UnB, 1997.

MATOS, Gregório. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MATOS, Gregório. *Reunião de Poemas*. Rio de Janeiro: Editora Bestbolso, 2014.

MONTEIRO, Newton Paulo. Roman Jakobson e a Linguística do Século XX. *Temas e Tomos: linguística, linguagem, educação e cultura*. 2009. Disponível em: <http://temasetomos.blogspot.com.br/2009/10/roman-jakobson-e-linguistica-do-seculo.html>. Acesso em: 11 jul. 2017.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi. *Arte Literária Portugal – Brasil*. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEFFRIN, André. *Gregório de Matos: reunião de poemas*. Rio de Janeiro: Editora Bestbolso, 2014.

SCHNAIDERMAN, Boris. “Prefácio”. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Tradução de Ana Mariza Ribeiro Filipouski et al. Revisão de Rebeca Peixoto da Silva. Porto Alegre: Globo, 1970. p. IX–XXII.

TRUNKLE, Matheus. Roman Jakobson. *Linguística.net.br*. 2011. Disponível em: <https://linguisticabr.wordpress.com/2011/09/27/roma-jakobson/>. Acesso em: 11 jul. 2017.

WISNIK, José Miquel. “Prefácio”. In: MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Recebido em: 15/05/2024

Aceito em: 23/04/2025

Robson Anselmo Tavares de Melo: doutor e pós-doutor em Ciências da Linguagem pelo Programa de Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), onde também atua como professor colaborador. É professor técnico formador de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação de Pernambuco (SE/PE). Leciona Língua Portuguesa e Literatura Brasileira em instituições públicas e particulares. Dedica-se ao estudo da relação entre Linguística e Literatura, com base nos trabalhos de Roman Jakobson.

Arthur Silva Araújo: doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação (UFRGS/ PPGIE). Mestre Profissional em Educação e Novas Tecnologias pelo Centro Universitário Internacional (PPGENT/UNINTER). Licenciado em Pedagogia e Letras: Língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola.

Bruno Simões Costa Guimarães: doutorando em Ciências da Linguagem e Mestre em Filosofia da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), licenciado em Matemática e Pedagogia. Professor da rede pública de Olinda-PE e da rede estadual de Pernambuco.